Escala de auto-avaliação sobre o esquema corporal*

FRANCISCO RAMOS DE FARIAS**
SÔNIA AMÁLIA CAMPOS LEÃO DE CARVALHO***

1. Introdução; 2. Planejamento; 3. Metodologia; 4. Procedimento de análise de itens; 5. Montagem da forma definitiva; 6. Características psicométricas; 7. Conclusões.

Este trabalho se propõe à construção de uma escala de auto-avaliação sobre o esquema corporal, com base nas indicações metodológicas de Likert. A forma experimental da escala foi entregue a 150 professores da rede de ensino público de Fortaleza, tendo sido devolvidos apenas 74 questionários. A análise de itens efetuada sugeriu a indicação de 26 itens para a composição da escala. Após uma nova aplicação da escala chegou-se aos coeficientes de fidedignidade pelos métodos Spearmann-Brown (0,50) e Roulon (0,75). A validade, calculada pelo método dos grupos de contraste, evidenciou um coeficiente de 0,62.

1. Introdução

Nas últimas décadas, tem-se observado em vários campos um crescente interesse nos aspectos ligados ao corpo, particularmente no que tange aos métodos de intervenção terapêutica. Por um lado, isto resultou no surgimento e na inovação de técnicas no setor da ação terapêutica, da psico-higiene e da psicoprofilaxia, enfocando o corpo como tema central. Por outro lado, diversos estudos estão sendo levados a efeito objetivando alcançar uma precisão conceitual sobre este tema tão complicado, embora nem por isto a referência ao corpo, em muitas investigações, deixe de ser feita (Foucault, 1979).

* Trabalho realizado com subvenção do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. (Artigo apresentado à Redação em 28.1.86.)
** Professor assistente de teoria e técnicas psicoterápicas no Departamento de Psicologia da UFC. (Endereço do autor: Rua Frei Mansueto, 1.595/705 — 60.000 — Fortaleza, CE.)
*** Professora assistente de técnicas de exame psicológico do Departamento de Psicologia da UFC. Os autores agradecem a colaboração do Prof. Orozimbo Leão de Carvalho Neto, professor adjunto no Departamento de Psicologia da UFC, na análise estatística deste trabalho.

Desse modo, configura-se uma transformação profunda nos hábitos, costumes e crenças ligados ao corpo, devido à ação intensiva dos meios de comunicação, que se encarregam da divulgação dos ideais desejáveis, respondendo, assim, através do controle das manifestações de expressão, às determinações dos meios de produção, conforme salientou Schilder (1980).

Nesse sentido, essa mudança reflete-se basicamente de dois modos. Por um lado, assiste-se a uma divulgação maciça do corpo enquanto ideal de saúde, beleza e riqueza, para, assim, serem geradas as necessidades que vão repercutir na exacerbação do consumo daquilo que a publicidade *cria* como condições necessárias aos ideais pretendidos.

Para Rodrigues, este contexto estabelece um ideal para o corpo e, ao mesmo tempo, determina as condições e os meios de segregação, conforme postulou Foucault (1977), para aqueles que porventura estejam em condições diferentes das indicadas como padrão. Desse modo, existe, entre os indivíduos do meio social de maior poder aquisitivo, uma constante busca de academias de ginástica, clínicas de beleza e, mais recentemente, as chamadas *terapias corporais* ou terapias de potencial humano, como denominou Lapassade (1980). Com isto, tais indivíduos procuram ser incluídos no estrato social que dita a norma, e, assim, obter uma *melhoria* do desempenho corporal, e, indiretamente, atender aos objetivos preconizados.

Por outro lado, no campo terapêutico, e mais especificamente na psicopatologia, observa-se a reversão de uma preocupação bastante antiga, pois, enquanto anteriormente se realizava um ritual *purificativo* do corpo, para expulsão dos possíveis *males* responsáveis pelo aparecimento das doenças mentais, atualmente dá-se uma atenção ao mesmo não como portador de males, mas como algo que, em sua estabilidade máxima, responde pelo equilíbrio mental. Vale salientar que esta situação chega ao ponto de se observar toda uma ideologia sobre o corpo (Foucault, 1979).

A finalidade dessa transformação, ainda que um tanto obscura, já que não se dispõe de um edifício teórico sólido a respeito do corpo histórico-político-social, reflete-se, segundo Bernard (1980), na possibilidade de inclusão do mesmo enquanto parte significativa da vida. Carvalho,[1] valendo-se das formulações lacanianas, afirma que o corpo é análogo a um depósito dinâmico, onde se congregam a conformação anatômica e a história do indivíduo numa interação dialética na qual os marcos dos eventos históricos pelos quais o indivíduo passa são também devidamente registrados.

Outro avanço também é observado no setor educacional, pela marcada transformação nas técnicas da psicomotricidade. Esse esforço deve-se, em grande parte, a Lapierre e Aucouturier (1977). Não obstante, tanto no campo terapêutico quanto na educação, onde se consideram as manifestações corporais como indicadores para o planejamento dos meios de intervenção, não se dispõe, até o momento, de instrumentos precisos e nem ao menos se observa uma preocupação maior dos psicometristas em construí-los para propiciar um conhecimento mais adequado e uma avaliação mais segura dos intrincados fenômenos que se inserem no corpo além daqueles inerentes ao mesmo. Cotejando publicações específicas de especialistas como Anastasi (1976), Székely (1966), Baquero (1974), Thorndike e Hagen (1977) e Van Kolck (1976), entre outros, não se

[1] Dissertação de mestrado a ser apresentada na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC).

encontra qualquer referência sobre instrumentos para avaliação das funções corporais, e nem mesmo qualquer alusão.

Por esse motivo, os investigadores dos fenômenos concernentes ao esquema corporal (unidade representativa do corpo) se deparam com uma escassez de instrumentos para operacionalização dos aspectos profundos e arcaicos que se expressam na *sintaxe corporal,* mesclados às necessidades momentâneas. Assim, Sami-All (1974) utilizou-se de observações extraídas de traçados gráficos como meio para tecer considerações sobre o assunto em questão. Sabe-se, também, que a utilização desses traçados não oferece todas as informações contidas no corpo. Estudos sobre os aspectos dinâmicos que incluem as dimensões (imaginária e histórica) inscritas no corpo não seriam totalmente abrangidos pelo grafismo, conforme salientou Sami-Ali (1979).

O resultado dessa escassez instrumental constitui um entrave às investigações mas nem por isso tem impedido a realização de inúmeros experimentos. Este fator apenas impossibilita a construção de uma unidade conceitual que goze de aceitação unânime nos meios científicos.

Na realidade, o que se observa na prática é uma utilização massificada dos conceitos de *corpo* e *esquema corporal,* sem se estar atento para suas complexidades, uma vez que grande parte das formações corporais não se expressa diretamente. Nesse sentido, as investigações são conduzidas, na maioria das vezes, com a noção de esquema corporal, em lugar de uma definição, uma vez que, conforme salientou Fonseca (1985), ainda não se dispõe de uma solidez conceitual nesse campo, mesmo que se considere as articulações e contribuições da fisiologia, sociologia e psicologia, entre outras disciplinas.

No que tange ao aspecto teórico, observa-se na abordagem psicanalítica toda uma preocupação sobre o esquema corporal. Para Pulpeiro e Moscona (1982), este conceito veio substituir o conceito fisiológico de cenestesia, assim definido como uma organização psíquica do corpo percebida pelo indivíduo. Esta foi a preocupação maior de Schilder (1980), muito embora não tenha tratado do problema em todas as suas nuanças, pois, analisando as contribuições de Lacan-(1978), pode-se observar que Schilder não incluiu na sua formulação o aspecto fantasmático-pulsional que, no âmbito psicanalítico, tem a conotação de imagem inconsciente do corpo, conforme salientou Leclaire (1979). Trata-se aqui de uma referência ao conceito lacaniano de unidade do corpo obtida psiquicamente pela unificação das partes que compõem o corpo fragmentado. Esse conceito apresenta certa analogia à formulação de Klein (1970) sobre o *splitting.* Em suas observações Klein admitiu ser o conhecimento da realidade do corpo, bem como o de sua unificação, uma decorrência da presença do corpo materno, na medida em que, através do mesmo, a criança consegue uma reparação sobre os fantasmas de destruição vinculados à pulsão de morte.

Tanto para Klein quanto para Lacan, a superação do estádio do corpo fragmentado é um passo decisivo no desenvolvimento e na constituição do indivíduo, porque é através do esquema corporal que se obtém o conhecimento da realidade circundante, no que se refere às dimensões tempo e espaço, e ao mesmo tempo se articula com as camadas mais arcaicas do psiquismo (Winnicott 1971).

Até aqui seguiu-se em direção à estruturação do conceito de esquema corporal, destacando-se as contribuições de Lacan, que o trata como uma realidade não apresentada sensivelmente, devendo apenas ser compreendido no plano da representação e na relação intersubjetiva.

Na abordagem lacaniana esse conceito é abordado com referência ao modo como a vida pulsional e fantasmática se faz representar no psiquismo, em termos de relações objetais. Sendo assim, acredita-se que o esquema corporal, da mesma maneira que o inconsciente, para Freud (1972), só pode ser apreendido no que se refere a seus efeitos, pois se trata de um fantasma do inconsciente, articulado, por sua vez, à estrutura mais arcaica do psiquismo, empreendido no corpo a partir dos desígnios da relação mãe-filho, conforme assinalou Aulagnier (1979).

É neste sentido que muitos investigadores se valem parcialmente dos testes projetivos e expressivos como Rorschach, Zulliger, Figura Humana de Machover, HTP e outros, na crença de que esses instrumentos exploram uma fase pré-verbal, na medida que possibilitam ao testando um espaço vazio no qual, segundo Sami-Ali (1982), é projetada a imagem do corpo.

Em face do exposto, este estudo se propõe à construção de uma escala de auto-avaliação que constitua um instrumento útil para complementar as informações coletadas pelos testes mencionados, no que concerne à avaliação do esquema corporal.

2. **Planejamento**

2.1 *Montagem da forma experimental*

A escala original foi construída com 60 itens, sob a forma de declaração, diante dos quais o indivíduo se posiciona ideologicamente no que diz respeito ao esquema corporal. Antes da primeira aplicação, procedeu-se a uma *pré-testagem* a fim de se verificar a clareza das afirmações e obter informações sobre o conteúdo da escala. Para isto, utilizou-se a opinião de psicoterapeutas de abordagens corporais e professores universitários do Curso de Psicologia da UFC. Foram também solicitadas informações sobre as instruções.

A principal preocupação na elaboração da escala foi de que os itens elaborados representassem adequadamente a realidade consignada como esquema corporal. Desse modo, procedeu-se a uma análise crítica da terminologia utilizada e efetuou-se um estudo sobre a clareza e a especificidade de cada item.

Decidiu-se, então, por itens que expressassem um possível posicionamento ideológico, aos quais o indivíduo pudesse dar uma gradação valendo-se das categorias oferecidas pela metodologia de Likert, em indicação de Summers (1976). Para isto, adotou-se o esquema apresentado na tabela 1.

Tabela 1

Categoria	Valor	
	Item positivo	Item negativo
Discordo Plenamente	1	4
Discordo	2	3
Concordo	3	2
Concordo plenamente	4	1

A escala ficou assim constituída: 25 itens no sentido direto e 35 no sentido inverso. Os 25 itens em sentido direto foram: 5, 6, 7, 8, 14, 15, 21, 22, 24, 26, 27, 28, 32, 34, 35, 36, 38, 40, 41, 45, 46, 47, 55, 58 e 59, dispostos mediante procedimento de sorteio.

A exclusão da categoria intermediária indiferente deve-se ao fato de que, com referência ao tema, acredita-se ser de pouca significância ou poderia resultar numa tendenciosidade a ponto de produzir um enviesamento.

3. Metodologia

3.1 *Amostra*

Decidiu-se pela inclusão de dois estratos para a composição da amostra. Um, representado pelos 150 professores da primeira série da rede de ensino público da cidade de Fortaleza. Esse conjunto foi utilizado para a primeira aplicação experimental. O outro estrato, representado por 100 especialistas que trabalham em abordagens corporais, contendo psicoterapeutas, fisioterapeutas e professores de educação física, foi utilizado com vistas ao procedimento de validação.

Efetuada a distribuição das escalas nas escolas sorteadas, observou-se uma perda de sujeitos pela não-devolução. Desse modo, a amostra ficou constituída por 74 professores e 32 especialistas.

3.2 *Procedimento*

A aplicação da forma experimental da escala procedeu-se da seguinte maneira: ao mesmo tempo que o questionário era entregue ao indivíduo, também eram fornecidas todas as informações necessárias sobre o conteúdo da escala, o objetivo da pesquisa, a maneira como respondê-la e as instruções contidas na mesma.

Todos os indivíduos foram incentivados a participar, bem como solicitou-se que nenhum item fosse deixado em branco. Foi informado que não havia resposta certa ou errada, do mesmo modo que as informações obtidas não seriam objeto de uso da Secretaria de Educação.

Os dados coletados foram organizados numa tabela de dupla entrada para itens e sujeitos, sendo que a cada item era transcrito o posicionamento do indivíduo. Efetuados os cálculos para a caracterização do grupo, obteve-se o valor 148,35 para a média e 11,70 para o desvio-padrão. Disso, deduz-se ser o grupo bastante homogêneo.

4. Procedimento de análise de itens

O processo de análise de itens efetuou-se da forma descrita a seguir, como recomenda Summers (1976). Em princípio, procedeu-se à divisão do grupo original em dois subgrupos, após ter sido realizada uma ordenação decrescente dos resultados dos indivíduos.

Feita a divisão, consideraram-se dois grupos representados pelos valores extremos, no que diz respeito aos 27% de cada extremo, conforme sugeriu Flanagan (1955). Assim, obtiveram-se os dois grupos, denominados superior e inferior, compostos de 22 sujeitos.

A seguir, procedeu-se à análise de cada item pela comparação dos resultados obtidos nos dois grupos, com a finalidade de verificar a significância. Para isto, utilizou-se a estatística *t* de Student (Rodrigues, 1975).

Na decisão sobre a aceitabilidade do item, optou-se por um α de 0,05. Considerando 42 graus de liberdades, tem-se, assim, 2,021 como valor crítico de *t*.

A tabela 2 expressa o resultado dos cálculos efetuados em cada item, em termos do valor observado de *t*.

Tabela 2

Resultado dos cálculos do valor de *t* em cada item da escala experimental

Item	Valor de *t*	Item	Valor de *t*
1	4,78	31	2,74*
2	1,32	32	0,21
3	3,95*	33	3,24*
4	1,14	34	2,94*
5	−14,58	35	−1,07
6	0,27	36	0,67
7	−4,75	37	Abandonado**
8	1,16	38	2,41*
9	2,70*	39	0,94
10	−0,46	40	4,60*
11	1,38	41	Abandonado**
12	1,36	42	5,68*
13	5,00*	43	4,00*
14	−0,55	44	3,82*
15	1,13	45	1,34
16	3,92*	46	3,33*
17	2,00	47	2,25*
18	2,50*	48	2,09*
19	3,40*	49	5,42*
20	1,48	50	4,00*
21	1,06	51	1,54
22	−1,17	52	1,11
23	2,08*	53	2,14*
24	−0,17	54	0,42
25	3,77*	55	5,27*
26	−1,03	56	3,75*
27	−1,47	57	1,80
28	−1,19	58	0,00
29	1,98	59	2,06*
30	−0,78	60	0,10

* Valor significativo.

** Os itens 37 e 41 não foram considerados por não terem sido preenchidos.

5. **Montagem da forma definitiva**

A partir da análise dos itens, obtiveram-se 26 para a composição da forma final da escala, correspondendo aos seguintes números da forma experimental: 1, 3, 9, 13, 16, 18, 19, 23, 25, 31, 33, 34, 38, 40, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 53, 55, 56 e 59, a serem numerados de 1 a 26.

Os itens de sentido direto foram: 2, 4, 7, 9, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 21, 22 e 26. Os demais estavam em sentido inverso. A disposição dos itens foi efetuada mediante sorteio.

6. Características psicométricas

A segunda aplicação foi realizada em dois grupos específicos, conforme já assinalado. Desta feita, distribuíram-se 100 escalas aos professores, sendo devolvidas 82. Esses resultados foram utilizados para o cálculo da fidedignidade, através de uma análise correlacional do tipo *split half*, pelas técnicas de Spearmann-Brown (coeficiente 0,50) e Roulon (coeficiente 0,75). Tais valores podem ser considerados significativos, pois, conforme recomendações de Vianna (1973), um coeficiente de fidedignidade de 0,50 já tem significância considerável. Portanto, o instrumento em questão pode ser usado, pelo fato de apresentar uma boa fidedignidade.

Para o cálculo da validade, aplicou-se a escala em dois grupos: um composto de professores, e outro, de especialistas que trabalham em abordagens corporais. Das 100 escalas entregues aos professores, foram devolvidas apenas 82, e das 100 entregues aos especialistas foram devolvidas apenas 32.

O critério para o estudo da validade foi a comparação entre os resultados dos dois grupos. Devido aos tamanhos desiguais dos grupos, adotou-se o critério da escolha aleatória de 32 professores. Mediante a formação desses dois grupos, efetuou-se o cálculo do coeficiente de correlação linear de Pearson, considerando $\alpha' = 0{,}005$.

O valor encontrado como coeficiente de validade foi 0,62, o que indica a possibilidade de uso do instrumento, uma vez que o mesmo avalia aquilo a que se destina. Desse modo, pode-se afirmar que o instrumento apresentou uma validade simultânea significativa (Bunting, 1981).

7. Conclusões

A partir dos resultados obtidos, no que concerne à caracterização psicométrica do instrumento, afirma-se que a escala em questão pode ser utilizada, pois apresentou fidedignidade e validade recomendáveis.

Desse modo, esta escala oferecerá informações úteis sobre o esquema corporal, nas investigações, uma vez que o erro-padrão de medida (valor 3,18) e o erro-padrão de estimativa (valor 4,62) são bastante reduzidos.

No que concerne às declarações, decidiu-se pela manutenção das mesmas tal como figuram na forma preliminar, pois informações coletadas durante a aplicação sugerem que as mesmas apresentam clareza e inteligibilidade.

Anexo 1 — Escala de auto-avaliação
Forma experimental

- *Instruções*

Esta escala consiste em 60 afirmativas referentes a crenças, opiniões e percepções que o indivíduo tem sobre o seu corpo.

Leia atentamente e marque aquela que expressa melhor suas opiniões, crenças e percepções sobre o seu corpo.

Você deverá atribuir a cada frase um valor que vai de 1 a 4. Quanto mais você concordar com a expressão da frase, maior será o número que você deverá dar a ela. Os números significam o seguinte:

1. "Discordo totalmente."
2. "Discordo."
3. "Concordo."
4. "Concordo totalmente."

Faça um círculo em torno do número que melhor expressar a sua opinião. Por exemplo:

— Sinto emoções fortes no meu corpo 1 2 3 (4)

Isto significa que você concorda totalmente.

Responda todas as afirmativas dando somente uma resposta a cada uma.

1. O corpo é um instrumento da comunicação: 1, 2, 3, 4
2. As más intenções do sujeito são expressas através do corpo: 1, 2, 3, 4
3. O corpo é responsável pelos contatos com as outras pessoas: 1, 2, 3, 4
4. É necessário o toque no corpo para conhecê-lo: 1, 2, 3, 4
5. A ausência de organização corporal dificulta a aquisição de conhecimentos: 1, 2, 3, 4
6. O meu corpo é controlado por valores morais: 1, 2, 3, 4
7. Distúrbios corporais prejudicam a realização pessoal: 1, 2, 3, 4
8. A finalidade do corpo é realizar funções biológicas: 1, 2, 3, 4
9. O domínio corporal é pré-requisito para o *status* social: 1, 2, 3, 4
10. A dor incide somente no corpo: 1, 2, 3, 4
11. A visão que tenho do mundo é dada pelo conhecimento que tenho do corpo: 1, 2, 3, 4
12. Meu corpo é controlado por mim: 1, 2, 3, 4
13. O contato com o mundo através do corpo facilita o conhecimento: 1, 2, 3, 4
14. Quando estou ansioso minha respiração se altera: 1, 2, 3, 4
15. Dominar o corpo não é um pré-requisito para a saúde mental: 1, 2, 3, 4

16. O conhecimento do corpo provém de informações nele originadas: 1, 2, 3, 4

17. O corpo é mais uma realidade social do que biológica: 1, 2, 3, 4

18. O movimento corporal é decorrente de toda uma integração existente no corpo: 1, 2, 3, 4

19. O perfil que tenho do corpo é uma das experiências básicas na vida: 1, 2, 3, 4

20. O envelhecimento do corpo é concomitante com o envelhecimento mental: 1, 2, 3, 4

21. O conhecimento do corpo não amplia o universo do indivíduo: 1, 2, 3, 4

22. O corpo sente quando a cabeça pensa: 1, 2, 3, 4

23. O prazer é obtido através do funcionamento do corpo: 1, 2, 3, 4

24. A estrutura física corporal não revela um tipo de temperamento: 1, 2, 3, 4

25. Aquilo que sinto de um lado do corpo pode aparecer no outro: 1, 2, 3, 4

26. O corpo é objeto de prazer para o homem e a mulher: 1, 2, 3, 4

27. As alterações do corpo dificultam a aprendizagem: 1, 2, 3, 4

28. O que ocorre na mente influencia o corpo: 1, 2, 3, 4

29. O corpo é moldado a partir das influências sociais: 1, 2, 3, 4

30. O corpo é uma abstração: 1, 2, 3, 4

31. Nos identificamos com partes do corpo alheio achando que são semelhantes às nossas: 1, 2, 3, 4

32. O corpo ideal é aquele modelado: 1, 2, 3, 4

33. O conhecimento do mundo através do contato corporal facilita o processo de adaptação: 1, 2, 3, 4

34. As funções do corpo não se relacionam com o processo do pensamento: 1, 2, 3, 4

35. O corpo expressa os conflitos mentais: 1, 2, 3, 4

36. O corpo que não é controlado traz angústia: 1, 2, 3, 4

37. A atitude em relação às várias partes do corpo pode ser determinada pelo interesse que as pessoas que nos cercam dão ao nosso corpo: 1, 2, 3, 4

38. A roupa deve ser usada para não expor as partes do corpo: 1, 2, 3, 4

39. O pensamento coordena os movimentos corporais: 1, 2, 3, 4

40. As dificuldades no conhecimento corporal não têm influências negativas no processo de aprendizagem: 1, 2, 3, 4

41. Controlo meu corpo através de batimentos cardíacos: 1, 2, 3, 4

42. A percepção que o indivíduo tem do mundo é facilitada pelo conhecimento que ele tem do corpo: 1, 2, 3, 4

43. Os jogos para atividades afetivas acontecem a partir da organização corporal: 1, 2, 3, 4

44. A saúde mental corresponde a uma integração de corpo e mente: 1, 2, 3, 4

45. O corpo, pelo fato de propiciar o prazer, é um obstáculo do conhecimento: 1, 2, 3, 4

46. As alterações fisiológicas no meu corpo influenciam de modo negativo meu relacionamento: 1, 2, 3, 4

47. A contribuição do corpo para a organização do processo do pensamento é nula: 1, 2, 3, 4

48. O conhecimento do corpo propicia a realização pessoal do indivíduo: 1, 2, 3, 4

49. A liberdade corporal significa liberdade de pensamento: 1, 2, 3, 4

50. O conhecimento do corpo é o resultado de um esforço contínuo de aprendizagem: 1, 2, 3, 4

51. Sinto fortes emoções no meu corpo: 1, 2, 3, 4

52. Ao desenhar uma pessoa represento o meu corpo: 1, 2, 3, 4

53. A dor ajuda a conhecer o corpo: 1, 2, 3, 4

54. Quanto maior o controle que se tem sobre o corpo, maior o prazer que se pode obter: 1, 2, 3, 4

55. Para se aprender não é necessário qualquer conhecimento sobre o corpo: 1, 2, 3, 4

56. A sensação de se estar bem é demonstrada através de movimentos corporais livres: 1, 2, 3, 4

57. O conhecimento que tenho do meu corpo é adquirido a partir do que vejo no corpo de outras pessoas: 1, 2, 3, 4

58. Quando estou com dificuldades meu corpo fica tenso: 1, 2, 3, 4

59. O corpo, objeto de prazer, deve ser reprimido 1, 2, 3, 4

60. Tenho domínio sobre a dor no meu corpo: 1, 2, 3, 4

Anexo 2 — Escala de auto-avaliação
Forma definitiva

● *Instruções*

Esta escala consiste em 26 afirmativas referentes a crenças, opiniões e percepções que o indivíduo tem sobre o seu corpo.

Leia atentamente e marque aquela que expressa melhor suas opiniões, crenças e percepções sobre o seu corpo.

Você deverá atribuir a cada frase um valor que vai de 1 a 4. Quanto mais você concordar com a expressão da frase, maior será o número que você deverá dar a ela.

Os números significam o seguinte:

1. "Discordo totalmente" (DT).
2. "Discordo" (D).
3. "Concordo" (C).
4. "Concordo totalmente" (CT).

Faça um círculo em torno do número que melhor expressar a sua opinião. Por exemplo:

	DT	D	C	CT
— Sinto emoções fortes no meu corpo	1	2	3	(4)

Isto significa que você concorda totalmente.

Responda todas as afirmativas dando somente uma resposta a cada uma.

	DT	D	C	CT
1. A saúde mental corresponde a uma integração de corpo e mente.	1	2	3	4
2. O conhecimento do corpo não propicia a realização pessoal do indivíduo.	1	2	3	4
3. Aquilo que sinto de um lado do corpo pode aparecer no outro.	1	2	3	4
4. O contato com o mundo através do corpo não facilita o conhecimento.	1	2	3	4
5. O conhecimento do corpo provém de informações nele originadas.	1	2	3	4
6. O corpo é responsável pelos contatos com as outras pessoas.	1	2	3	4
7. A roupa deve ser usada para não expor as partes do corpo.	1	2	3	4
8. O corpo é um instrumento de comunicação.	1	2	3	4

	DT	D	C	CT
9. As alterações fisiológicas, no meu corpo, influenciam de modo negativo meu relacionamento.	1	2	3	4
10. O envelhecimento do corpo é concomitante com o envelhecimento mental.	1	2	3	4
11. A sensação de se estar bem não é demonstrada através de movimentos corporais livres.	1	2	3	4
12. O perfil que tenho do corpo é uma das experiências básicas na vida.	1	2	3	4
13. A liberdade corporal não significa liberdade de pensamento.	1	2	3	4
14. Para se aprender não é necessário qualquer conhecimento sobre o corpo.	1	2	3	4
15. O corpo, objeto de prazer, deve ser reprimido.	1	2	3	4
16. As funções do corpo não se relacionam com o processo do pensamento.	1	2	3	4
17. As dificuldades no conhecimento corporal não têm influências negativas no processo de aprendizagem.	1	2	3	4
18. Os jogos para atividades afetivas acontecem a partir da organização corporal.	1	2	3	4
19. O conhecimento do corpo é o resultado de um esforço contínuo de aprendizagem.	1	2	3	4
20. O prazer é obtido através do funcionamento do corpo.	1	2	3	4
21. A dor não ajuda a conhecer o corpo.	1	2	3	4
22. A contribuição do corpo para a organização do processo do pensamento é nula.	1	2	3	4
23. A percepção que o indivíduo tem do mundo é facilitada pelo conhecimento que ele tem do corpo.	1	2	3	4
24. Nos identificamos com partes do corpo alheio achando que são semelhantes às nossas.	1	2	3	4
25. O conhecimento do mundo através do contato corporal facilita o processo de adaptação.	1	2	3	4
26. O domínio corporal não é pré-requisito para o *status* social.	1	2	3	4

Abstract

This study consisted in the construction of a body image self evaluation scale, based on the Likert methodology. The experimental form was applied to 150 public school teachers of Fortaleza (CE) and the return percentage was of

49,31% (74). The item analysis suggested 26 items for the final composition of the scale. After a new application, Spearmann-Brown and Roulon reliability coefficients of 0,50 and 0,75 were found, respectively. A validity coefficient of 0,62 was obtained by the method of group contrast.

Referências bibliográficas

Anastasi, A. *Testes psicológicos*. São Paulo, EPU, 1976.
Aulagnier, P. Observações sobre a estrutura psicótica. In: Katz, C. S., ed. *Psicose, uma leitura psicanalítica*. Belo Horizonte, Interlivros, 1979.
Baquero, G. *Testes psicométricos e projetivos*. São Paulo, Loyola, 1974.
Bernard, M. *El cuerpo*. Buenos Aires, Paidós, 1980.
Bunting, C. E. The development and validation of educational attitudes inventory. *Educational and Psychological Measurement, 41*(2):559-65, 1981.
Carvalho, S. A. C. L. *Análise do desempenho escolar em termos das alterações do esquema corporal*. Dissertação de mestrado a ser apresentada à Faculdade de Educação da UFC.
Flanagan, J. C. & Tate, M. W. *Statistics in education*. New York, Macmillan, 1955.
Fonseca, A. M. J. S. R. Reflexões sobre o conceito de imagem do corpo. *Revista de Psicologia, Teoria e Pesquisa, 1*(2):168-74, 1985.
Foucault, M. *Vigiar e punir*. Rio de Janeiro, Vozes, 1977.
———. Microfísica do poder. Rio de Janeiro, Graal, 1979.
Freud, S. *O inconsciente*. Rio de Janeiro, Imago, 1972. v. 14.
Klein, M. *Contribuições à psicanálise*. São Paulo, Mestre Jou, 1970.
Lacan, J. *Escritos*. São Paulo, Perspectiva, 1978.
Lapassade, G. *Socioanálisis y potencial humano*. Barcelona, Gedisa, 1980.
Lapierre, A. & Aucouturier, B. *La educación psicomotriz como terapia*. Barcelona, Editorial Médico y Técnico, 1977.
Leclaire, S. *O corpo erógeno*. Rio de Janeiro, Fonton, 1979.
Pulpeiro, M. V. & Moscona, S. I. Cuerpo, esquema corporal y las categorías tiempo y espaço. *Revista da Asociación Escuela Argentina de Psicoterapia para Graduados*, (7):85-114, 1982.
Rodrigues, A. *A pesquisa experimental em psicologia e educação*. Rio de Janeiro, Vozes, 1975.
Rodrigues, J. C. *Tabu do corpo*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1983.
Sami-Ali. *L'espace imaginaire*. Paris, Galimard, 1974.
———. *Cuerpo real y cuerpo imaginario*. Buenos Aires, Paidós, 1979.
———. *De la proyeción*. Barcelona, Petrel, 1982.
Schilder, P. *A imagem do corpo*. São Paulo, Martins Fontes, 1980.
Summers, G. F. *Medición de actitudes*. México, Trillos, 1976.
Székely, B. *Los tests*. Buenos Aires, Kapelusz, 1966.
Thorndike, R. L. & Hagen, E. *Tests y técnicas de medición en psicología y educación*. México, Trillos, 1977.
Van Kolck, O. L. *Técnicas de exame psicológico e suas aplicações no Brasil*. Rio de Janeiro, Vozes, 1976.
Vianna, H. M. *Testes em educação*. São Paulo, Ibrasa, 1973.
Winnicott, D. W. Le corps et le self. *Nouvelle Revue de la Psychanalyse*, (3):37-52, 1971.